

Machado de Assis e Gustave Flaubert: do comparatismo possível a um comparatismo desejado

Verónica Galíndez-Jorge

Letras Modernas - FFLCH - USP

Resumo:

Este texto foi originalmente apresentado em um ateliê dedicado à discussão de um balanço crítico das relações Brasil-França, no âmbito do Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada de 2013. Seu objetivo é o de apresentar o contexto a partir do qual proponho um projeto de estudo comparado entre Machado de Assis e Gustave Flaubert, a partir da breve apresentação de pesquisas já feitas e das que estão atualmente em andamento.

Palavras-chave: comparatismo sutil; enunciação; manuscritos; Machado de Assis; Gustave Flaubert

Résumé:

Ce texte a été originalement présenté dans le cadre d'un atelier consacré à un bilan critique des relations Brésil-France lors du dernier Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée, en 2013. Il se veut comme une présentation du contexte à partir duquel je propose un projet de recherche ayant pour but la comparaison de Machado de Assis et Gustave Flaubert moyennant une très brève présentation des recherches déjà conclues et de celles en cours.

Mots-clés: comparatisme subtil; énonciation; manuscrits; Machado de Assis; Gustave Flaubert

Abstract:

This text was originally presented in a workshop dedicated to the discussion that concerns the critical balance of the relationship between Brazil and France in the congress of the International Comparative Literature Association in 2013. This study's aim is to present the context from which I propose a comparative studies' project between Machado de Assis e Gustave Flaubert from a brief presentation of studies already made and the ones that are currently in progress.

Keywords: subtle comparativism; enunciation; manuscripts; Machado de Assis; Gustave Flaubert

O objetivo deste é apresentar algumas questões relativas às possibilidades de pesquisa em uma prática comparatista não baseada nas balizas tradicionalmente associadas à literatura comparada (tais como fontes citadas, citação explícita ou implícita, pastiche, influências), com o objetivo de propor trocas críticas no âmbito das reflexões Brasil-França por meio da aproximação de dois autores considerados centrais para as literaturas de ambos os países. A partir de uma suposta impossibilidade comparativa, nos concentraremos em algumas propostas recentes, que ao se questionarem acerca da escritura e da enunciação, acabaram por sugerir aproximações originais entre os dois escritores específicos, mas também sugerem novas possibilidades no âmbito das relações Brasil-França.

Pareceu-me oportuno descrever aqui um primeiro percurso inicial de pesquisa a partir do qual o eixo central destes questionamentos começou a se delinear. Há pouco mais de dez anos, quando de minha pesquisa doutoral centrada nos manuscritos de Gustave Flaubert, pude, por primeira vez, ir ao encontro da “sensação crítica” esboçada por um grande crítico brasileiro e à descoberta de uma constatação feita por um especialista francês da obra flaubertiana. Em *Um mestre na periferia do capitalismo*, o crítico literário Roberto Schwarz, ao final do ensaio que se mantém como um dos mais importantes textos críticos dedicados ao mais importante escritor brasileiro, afirma ter a sensação de ler, em Machado, algo que se aproximaria da escritura flaubertiana. Nada mais. Uma sensação. Parece, diz ele, escritura flaubertiana (Schwarz: 1990, 184). Como obviamente não era um flaubertiano, nada disso se tornou objeto de estudo nos anos seguintes.

Em outro lugar, a respeito da escritura flaubertiana, Philippe Dufour, em *Flaubert le pignouf*, afirma, em uma nota de rodapé¹

¹ A respeito do que chamou de “esquecimento do referente pela ciência”, Dufour discorre sobre uma espécie de *zeitgeist* que regeria as comparações e as metáforas

(Dufour: 1993, 45), que uma comparação flaubertiana que se lê em *Madame Bovary*, seria trabalhada *in extremis* num texto intitulado *O Alienista* de Machado de Assis. Tratava-se da comparação: “frio como um diagnóstico”. É como se essa tagarelice inócua, estúpida, do discurso médico tivesse atravessado o oceano para se reencontrar, não sem ser ainda mais ridícula, no personagem do médico alienista mais ridículo que a literatura brasileira tenha conhecido.

Roberto Schwarz já lera Gustave Flaubert, assim como Philippe Dufour já lera Machado de Assis quando de sua estada brasileira. Entretanto, nem um nem outro decidiram levar essa aproximação para além dessa primeira suspeita, dessa associação primeira.

Como uma estudante qualquer de Letras no Brasil, Machado de Assis sempre se constituiu para mim como grande referência em torno da qual se convencionou organizar o funcionamento de nosso campo literário. Além disso, se há lugar para discussão relativa à existência ou não de um campo literário no Brasil no século XIX, é em função da obra de Machado de Assis que a questão se estabelece. Paralelamente, estejamos ou não de acordo com as propostas em torno da noção de campo literário, é em função de Flaubert que a discussão se organiza na França. No entanto, nada disso tudo parece nos permitir colocar esses dois escritores em contato estreito do ponto de vista comparativo.

Ora, e esta proposta o aponta desde o início, nada disso parece presente entre nós, no Brasil. Trata-se, e início um curto desvio, de uma primeira questão que se coloca com relação ao comparatismo que praticamos: nossa forte necessidade de testar a existência assumida, material, de todo contato com a cultura

flaubertianas: “É um sinal de *Zeitgeist*: trata-se na verdade do humanismo de Bianchon, aquilo que é culto se torna caricatural (...), incapaz de ajustar seus conhecimentos à realidade (...), insensível feito o herói de Machado de Assis *frio como um diagnóstico*. Uma linguagem estabelecida cai no descrédito.”

exterior, como se nosso movimento antropofágico não tivesse real importância, como se fosse preciso, cada vez, que apontássemos o dedo, chamar pelos respectivos nomes e sobrenomes, lista de ascendentes, todas as vítimas de nosso apetite voraz.

Foi assim que, durante uma pesquisa doutoral que se interessava pela repetição da estrutura frasal que acompanha as cenas alucinatórias de Flaubert, percebi que esse “sentimento” de uma aproximação entre Machado e Flaubert estava relacionado à escritura de certo número de elementos associados ao ritmo — há de se notar um domínio do ternário² — mas também ao emprego das metáforas. A natureza das relações que pareciam existir entre a escritura de Machado de Assis e a de Flaubert era bastante análoga àquela que se identificava nas relações que Flaubert mantinha com a frase de Cervantes. No caso flaubertiano, sua monumental correspondência, acompanhada de imponente massa de manuscritos de trabalho, constituem material que permite identificar momentos precisos de citação ou ainda de simples levantamento de fontes que confortam os espíritos comparatistas em busca de “provas materiais” daqueles que, em leitura não comprobatória, não passariam de “efeitos de leitura” atrelados a uma sensibilidade individual, ou ainda de suspeitas por parte de eruditos mais versados.

Mas se do lado flaubertiano abundam os documentos, a tenacidade machadiana caminha justamente no sentido da “discrição” total, ou ainda — a suspeita crítica nunca é mordaz o bastante — caminha na direção da construção do mito: o mito do trabalho sem retoques, que consulta apenas aquilo que está citado como se deve, explicitado no texto, uma vez que a primazia do texto seria a finalidade máxima da construção do

² Que na escrita de Machado faziam-no parecer um “gago”, segundo crítica da época e em Flaubert produzia estranhamento entre seus contemporâneos por falta de fluidez.

nome do autor. Isso significa que Machado de Assis quase não deixou manuscritos de trabalho e o conjunto do que sobrou de sua correspondência reduz-se a cartas assaz burocráticas, que não permitem uma pesquisa “genética” apropriada.

Paralelamente a tudo isso, parece essencial apontar o fato que o leitor de Machado de Assis encontrará uma grande variedade de fontes citadas, uma espécie de desfile do que o autor parecia querer erigir como cânone da literatura ocidental sobre o qual se organizaria a literatura brasileira. Contrariamente a seus contemporâneos, e ainda mais longe de seus antecessores, não se trataria mais de uma imitação de modas, de temas, de imagens, ou ainda de personagens, mas, e isto parece central, de um diálogo. Um diálogo que possibilita que a crítica que organize, mas também que a ironia se enuncie, permitindo à comparação erigir-se e também autodestruir-se.

No entanto, eis que a crítica brasileira parece ter-se limitado, de certa forma, a seguir todas essas pistas, a só seguir essas pistas, fechando as portas — fundamentalmente no que tange à crítica machadiana — a toda aproximação que se produzisse em um nível mais sutil, do qual a escritura seria apenas um exemplo entre muitos outros. A crítica brasileira parece ter-se enclausurado em uma espécie de obrigação de esgotamento de tudo aquilo que era considerado como componente da empreitada machadiana e que contribuiria a uma compreensão da formação da literatura brasileira, mas também a uma identificação de todos os alvos do que se convencionou chamar “ironia machadiana”, o *suprassumo* da crítica do autor.

Entre alguns dos efeitos desse trabalho sem tréguas está uma crítica que acaba por tornar Machado de Assis um produto nacional, o que se mostra um tanto contraditório com relação às propostas do próprio autor no que diz respeito a uma literatura para além

do nacionalismo. Parece que só nos interessamos pela formação do romance inglês para concluir que Machado era um mestre do gênero; posição muito semelhante quando pensamos em seu “domínio” das fontes francesas. Mas ainda não conseguimos reler a formação do romance inglês à luz dos problemas expostos por Machado de Assis. Isso só nos é proposto pelo viés extranacional, presente, por exemplo, nos trabalhos do crítico português Abel Ramos Baptista, que oferece à questão da constituição do nome, do nome de autor, novos ares a partir do autor brasileiro, integrando-o ao debate propriamente teórico geral.

Igualmente, observamos, já há alguns anos, o trabalho de João Cezar Castro Rocha, que há pouco publicou um volume sobre a “poética da emulação” na continuidade de seu trabalho sobre essa característica da prosa de Machado de Assis. Deve-se ainda destacar que Castro Rocha dirige uma importante revista americana de Estudos Brasileiros que publicou vários artigos sobre esse tema.

Ora, o que anima esta proposta é um questionamento que se organizou em um âmbito da crítica universitária para o qual se trata de “comparar” a escritura de Machado de Assis com a de Gustave Flaubert. Cada vez que o projeto foi apresentado, foi preciso começar explicando aos meus interlocutores brasileiros que não se trataria de uma comparação direta, já que sabia perfeitamente bem que Machado de Assis nunca citara Flaubert em suas obras, etc. Cheguei até mesmo a identificar temas comuns (como o interesse que os dois autores cultivam pela loucura e seus discursos constitutivos, ou ainda a presença do espírito enciclopédico em suas obras, por exemplo). A recepção de tal empreitada parecia erigir-se sob o signo da ausência de Flaubert e do que a crítica brasileira concebeu como tendo sido a *formação* da literatura nacional, fortemente organizada pelo texto fundador de Antônio Cândido.

Ora, se parece razoável que Flaubert estivesse ausente das fontes dos primeiros escritores brasileiros desde os pré-românticos até Machado de Assis, parece igualmente importante destacar que o que Antônio Cândido propõe como etapa “formativa” se termina justamente quando da entrada em cena de Machado de Assis. No sentido inverso, poderíamos pensar sobre o que Machado de Assis traz à leitura brasileira de Flaubert, uma leitura que poderia desestabilizar as implicações de seu uso das ideias-feitas, por exemplo, assim como sobre as relações destas com o desfile enciclopédico, sua enunciação, a enunciação da ironia, entre outros.

Paralelamente, destaco que uma rápida visita à biblioteca de Machado de Assis, conservada pela Academia Brasileira de Letras, permite atestar a sólida presença de todas as obras de Gustave Flaubert e até mesmo de uma primeira edição de sua correspondência, postumamente organizada por sua sobrinha. Não somente os livros lá estão, mas contam com típicas marcas de leitura, feitas com lápis bicolor: azul e vermelho. Depois de atestada a leitura, foi preciso, num primeiro momento, fazer ecoar essa voz muda entre todas as outras, confessas, da escritura de Machado.

Foi então que me voltei à noção genética de *corpus de trabalho de escritura*, a partir da relação entre leitura das fontes observadas em Flaubert, mas também propondo a leitura como “espaço de escritura” para ambos os escritores. As aulas sobre Flaubert na graduação em Letras passaram a contar com a presença sistemática de Machado de Assis. A comparação sugerida começou a povoar os trabalhos dos alunos. Duas dissertações de Mestrado defendidas e uma tese de Doutorado em andamento começam a habitar esse terreno ainda incerto do comparatismo que chamei de desejado. O projeto começou a tomar corpo.

Uma primeira monografia dedicou-se à comparação, lida *como*

figura em ambos. Trata-se do trabalho de Livia Cristina Gomes (2011), que estabeleceu como objetivo ler/ analisar a comparação em um e outro autor, por meio da ironia compreendida enquanto estratégia escritural. Seu percurso permitiu-lhe avançar o que chamou de “corrupção da verossimilhança”, que acaba produzindo um ato que a pesquisadora qualificou de político, ao aproximá-lo do que Jacques Rancière propõe para o termo, a partir da produção de dissenso na arte. Nesse âmbito, o ato político produzido seria o da liberação simbólica, o que acabaria evidenciando a própria historicidade dos discursos analisados.

Para isso, Livia Gomes começa justamente pela análise do efeito da ideia de nacional para a recepção de Machado de Assis em torno do que chamou de “ideias feitas” da crítica para, então, chegar ao elemento de base de seu *corpus*, a metáfora, que se mostrará *kitsch* à luz, justamente, da leitura da metáfora em Flaubert; ou seja, em comparação ao que ela identifica em Flaubert. A comparação entre o conto *Ruy de Leão*, de Machado, e *Légende de Saint Julien l’hospitalier*, de Flaubert é contundente: emergem escrituras que se organizam em torno do lugar-comum, das ideias feitas, do *kitsch*, para apontar para a estupidez dos pilares burgueses. Uma escritura corrosiva, que aniquila toda descendência imediata e que só faz semear problemas e desafios, identificados por distantes contemporâneos, como ambos haviam feito com relação a Cervantes.

No caso de Machado de Assis, evoco o brilhante texto de Carlos Fuentes (2001), no qual propõe a ideia de que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* “não é herdeira da tradição cervantina, mas também a potencializa e reatualiza». (Fuentes: 2001: 5). Trata-se de importante texto do autor mexicano, que nos permite compreender o caráter totalmente excepcional da escrita de Machado de Assis (colocado como verdadeiro milagre), em um contexto que raramente ousamos adentrar: o de nossa qualidade de latinoamericanos. Cabe salientar

que Fuentes classifica o autor brasileiro como «iberoamericano». Tal postura, para além das relações que exige do leitor brasileiro, para o qual Cervantes não faz parte das leituras de formação escolar, permite refletir acerca de implicações literárias amplas, certamente, mas também políticas, se levado em consideração um contexto de produção literária supra-nacional.

Já no que diz respeito às relações entre Flaubert e Cervantes, defendi que o autor francês, por meio de seu trabalho sistematicamente concentrado nas formas da frase, buscava um efeito sonoro específico: aquele de sua memória de Cervantes, que ouvira ler antes de ser alfabetizado e que lia em voz alta sempre que devia solucionar um problema ligado à escrita (Galíndez-Jorge: 2009, 79). Uma relação mais sutil entre Flaubert e Machado foi sem dúvida inaugurada pelo “ensaio” de Jorge Luís Borges intitulado *Pierre Ménard, autor do Quixote* (Borges: 1994 [1944], 444-450) escrito depois de suas duas defesas de *Bouvard et Pécuchet* (Borges: 1994 [1932], 259-266), obra póstuma de Flaubert, deixada inconclusa e que problematiza as relações entre escritura e leitura, cópia, lugar-comum, etc. As intervenções de Borges mostraram-se centrais para o desenvolvimento que propõe Michel Foucault (Foucault: 1995 [1983]) a partir da leitura de *Tentação de Santo Antônio*, em que poderíamos ler Flaubert à luz de Borges e Kafka, por exemplo, e não o contrário, o que nos manteria numa eterna relação de influências.

A segunda dissertação de mestrado conduziu Luciana Antonini Schoeps (2012) rapidamente à biblioteca como espaço de escritura, à luz dos desenvolvimentos que eu propusera para Flaubert (Galíndez-Jorge: 2009) sob a noção de espaço escritural. O incêndio escritural produzido pela ativação da biblioteca, tanto do ponto de vista material como do ponto de vista metafórico, conduziram Luciana Schoeps a um questionamento

acerca da enunciação, bastante tratada no caso flaubertiano, mas terreno virgem nos estudos dedicados a Machado de Assis. Dentre esses questionamentos, merecem destaque as análises relacionadas às possibilidades de aproximação das diferentes práticas de escritura dos dois autores analisados, problema que teve papel central na deflagração de uma verdadeira necessidade de identificação e análise das condições de enunciabilidade dos dois escritores nos dois diferentes campos, em duas épocas diferentes, em duas empreitadas diferentes, mas inscritas num arco de tensão entre o já-lido e o já-escrito. As diferenças parecem aproximá-los ainda mais. A biblioteca fantástica foucaultiana permitiu-lhe agrupar dissonâncias que só fazem denunciar uma verdadeira necessidade comparativa entre os dois autores no que diz respeito às relações com a escritura, a leitura e o leitor.

É nessa via que hoje, Luciana Schoeps analisa a enunciação da ironia como uma das implicações centrais da escritura de Machado de Assis. Contrariamente ao que se possa ter desenvolvido anteriormente, trata-se de uma empreitada que tira enorme proveito do percurso crítico proposto para a leitura de Flaubert, em total harmonia com uma renovação dos estudos dedicados à enunciação desde a publicação dos textos inéditos de Émile Benveniste sobre a poética e sobre a escritura (Benveniste: 2012) e que nos possibilitará, sem dúvida, pensar a enunciação machadiana para além das questões relativas às tipologias discursivas. Em seus últimos seminários no Collège de France, no ano letivo 1968-1969, Émile Benveniste decide enfrentar a questão constantemente adiada em seus artigos anteriores: a escrita. Trabalhara longamente o que ficou conhecido como teoria da enunciação, problematizando o uso dos pronomes pessoais pelo falante de qualquer língua, assim como dos tempos verbais, etc., no intuito de dar maior valor às implicações que as escolhas

linguísticas propõe ao sujeito para além da descrição pura do sistema da língua. Para Benveniste, o sujeito está no centro da discussão sobre a linguagem. No entanto, percebeu que a escrita colocava questões para qualquer reflexão acerca da enunciação, pois há uma diferença de ordem temporal, factual, entre aqueles que se comunicam. É a esse problema portanto que se dedica nos últimos seminários, propondo que sejam analisadas as condições a partir das quais seria possível pensarmos em uma enunciação na escrita, questionamento que também rege suas reflexões a respeito da poesia (Benveniste: 2011).

Finalmente, a proposta de uma *autoescritografia* (Galíndez-Jorge: 2012) permitiu-me articular reflexões em torno da constituição do nome proposta por Abel Ramos Baptista (2003), com a construção do leitor de Machado de Assis proposta por Hélio Seixas Guimarães³, por meio dos elementos artesanais da escritura flaubertiana denunciados por Roland Barthes (1953) e retomados a partir da análise de manuscritos. Tratou-se de pensar uma operação crítica de leitura, e não um gênero de produção, que sugere uma espécie de autobiografia da escritura machadiana por meio da leitura das memórias póstumas de seus narradores, uma escrita de si no sentido de um si-mesmo escrevendo e não de uma pessoa física, do escrever enquanto empreitada com a qual o sujeito se confronta, à qual se submete. Tal é o centro de uma discussão sobre a própria constituição do campo literário brasileiro que passa, em um primeiro momento, por um minucioso trabalho de identificação, definição e análise do leitor contemporâneo de Machado de Assis, o que nos permitirá revisitar, repensar, as implicações de sua ironia, de

³ Hélio Seixas Guimarães é também responsável pela revista “Machado de Assis em linha” (www.machadodeassis.net), que tem se mostrado cada vez mais central na difusão de novas pesquisas sobre o autor, além de propor um acesso um pouco mais universal às pesquisas em andamento no Brasil.

sua crítica social e até mesmo do que constrói como paradigma para a literatura brasileira depois dele.

O que tais iniciativas, rapidamente retomadas aqui, têm em comum é o fato de dependerem muito fortemente de uma retomada da enunciação e de suas condições nos dois autores contrastados. Portanto, a enunciação se organiza hoje como uma das vias possíveis do que chamei de comparatismo desejado, base do projeto de pesquisa que desenvolvo atualmente. Trata-se de identificar, comparar e contrastar as formas enunciativas dos diferentes autores aproximados para nelas analisar a historicidade discursiva, suas implicações estéticas, escriturais, estilísticas, etc., permitindo ao pesquisador trazer novas luzes a nossa leitura do próprio comparatismo enquanto proposta, e isso de ambos os lados do Atlântico, muito além de uma prática centrada na estrita comparação entre dois objetos.

Em última instância, trata-se de tornar a crítica brasileira de Machado de Assis permeável às demais práticas críticas comparatistas, com o objetivo de contribuir para que sua obra integre de maneira mais ampla as discussões gerais em torno do romance, da ironia e de sua enunciabilidade.

Bibliografia

BAPTISTA, Abel Ramos. *A formação do nome. Duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

BARTHES, Roland. «L'artisanat du style» In. *Le degré zéro de l'écriture* Paris: Seuil, 1953.

BENVENISTE, Emile. *Dernières leçons au Collège de France*. (org. Irène Fenoglio). Paris: Seuil, 2012.

_____ *Baudelaire*. (org. Chloé Laplantine). Limoges: Éds. Lambert-Lucas, 2011.

(tradução brasileira no prelo pela Editora da Unesp, org. de

Valdir Flores).

BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé, 1994 [1974].

DUFOUR, Philippe. *Flaubert le pignouf*. Saint-Denis: PUV, , 1993.

FOUCAULT, Michel. *La Bibliothèque fantastique*. Bruxelles: Antepost, 1995 [1983, Paris: Le Seuil]

FUENTES, Carlos. *Machado de la Mancha*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

GALÍNDEZ-JORGE, V. *Fogos de artifício. Flaubert e a escritura*. São Paulo: Ateliê, 2009.

_____ “A memória póstuma e a construção de uma autoescritografia em Machado de Assis”. In: AMIGO PINO, Claudia; AMRO CASTRO, Lorena. (Org.). *Auto(bio)grafias latinoamericanas*. São Paulo: Annablume, 2012, p. 167-193.

GUIMARÃES, Hélio Seixas. *Leitores de Machado de Assis*. São Paulo: Nankin, Edusp, 2004.

GOMES, Livia Cristina. *Machado com Flaubert ou a política da escrita*. 2011. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-04102011-090132/>>. Acesso em: 2014-02-10.

SCHOEPS, Luciana Antonini. *Bibliotecas fantásticas em chamuscas: Machado de Assis e Gustave Flaubert*. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Université de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-06122012-140242/>>. Acesso em: 2014-02-10.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.